

OS BEBÊS COMO PROTAGONISTAS NO CONTEXTO DE VIDA COLETIVO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

BABIES AS PROTAGONISTS IN THE COLLECTIVE LIFE CONTEXT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION INSTITUTIONS

Daniele Porres Silveira

Mestranda em Educação(UDESC)

ORCID: <https://orcid.org/6157042331600459>

Email- daniaporres@gmail.com

Altino José Martins Filho

Doutor em Educação (UFRGS) com ênfase em Estudos sobre Infâncias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1260-2992>

E-mail: altinojosemartins@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca analisar os espaços coletivos de uma instituição de Educação Infantil do município de Florianópolis, considerando a inserção e as experiências dos bebês. A partir do referencial teórico de Arendt(2016), Barbosa (2006), Gobatto (2011), Sarmiento (2005), Tiriba (2018) e Martins Filho (2016; 2020), será apresentada discussões que traçam caminhos abertos para pensar a organização dos espaços e tempos, as relações que os bebês estabelecem entre si e com o coletivo institucional. A metodologia está pautada em uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica. Os procedimentos para geração dos dados foram desenhados com base em um estudo de caso com narrativas descritivas e interpretativas. As análises possibilitam compreender a forma que os bebês se encontram com os diferentes espaços e tempos de vida em um ambiente coletivo. A pesquisa propõe discutir novas práticas pedagógicas e educacionais, que valorizam o reconhecimento dos bebês e seu potencial de explorar o mundo na vida coletiva.
Palavras-chave: Educação Infantil. Bebês. Espaços.

Palavras-chave: Educação Infantil. Bebês. Espaços. Tempos Coletivos.

Abstract: The current article aims to analyze the collective spaces of an Early Childhood Education institution in the city of Florianópolis, considering the insertion and experiences of babies. Based on the theoretical framework of Arendt, Barbosa, Gobatto, Tiriba, Sarmiento and Martins Filho, discussions will be presented that outline open paths to think about the organization of spaces and times, the relationships that babies establish among themselves and with the institutional collective. The methodology is based on qualitative research inspired by ethnography. The procedures for generating data were designed based on a case study with descriptive and interpretative narratives. The analyses make it possible to understand the way in which babies encounter the different spaces and times of collective life in an Early Childhood Education environment. The research proposes to discuss new pedagogical and educational practices that value the recognition of babies and their potential to explore the world in collective life.

Keywords: Early Childhood Education. Babies. Spaces. Collective Time.

Introdução

Este artigo diz respeito a um projeto de pesquisa de mestrado em andamento do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), desenvolvida no Laboratório e Núcleo de Pesquisa em Didática e Formação Docente (NAPE), tendo como orientador o professor Dr. Altino José Martins Filho, também coautor desse texto. O projeto nasce das inquietações ao acompanhar algumas práticas docentes no âmbito das creches. Uma trajetória que percorreu inúmeros caminhos, os quais em seus diferentes trajetos nos impulsionou para o objetivo de conhecer os espaços e tempos coletivos que os bebês habitam dentro de uma Instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis, considerando as vivências e as experiências dos bebês, bem como as interações que estabelecem entre si e com os adultos no cotidiano institucional.

Ao longo da história a concepção de infância e criança foi vista de diferentes maneiras em cada contexto social e cultural. O que prevaleceu como sendo recorrente, foram noções que consideravam as crianças seres inacabados, incapazes de interagir, submissos e que viriam a “ser”. Quando o olhar se voltava para as crianças bem pequenas, especialmente os bebês, o percurso identitário desse “pequeno ser” é configurado como frágil e merecedor de ser guardado, visto de forma homogênea, sujeito não ativo e distante da condição de sujeitos sociais e culturais. Como descrevem Martins Filho e Delgado (2013, p. 12) “comumente os adultos imprimem nessa condição a sua cultura pela socialização, concebida como um processo unilateral e passivo, e sempre na direção do adulto sobre a criança”.

Sendo assim, ao longo do tempo, consolidou-se uma concepção de bebê passivo, privado de vivenciar a vida cotidiana em diferentes espaços, conseqüentemente, estreitou suas possibilidades de experienciar o mundo nos espaços coletivos de educação. Posto isto, a identidade histórica dos bebês ainda se faz presente em ações docentes, localizadas em suas rotinas diárias.

A lógica adultocêntrica que vigora em muitas instituições educativas têm legitimado a experiência do cerceamento, da obediência e do diretivismo desde muito cedo, submetendo a criança bem pequena a restrições corporais, tais como: estabelecer-lhe um lugar determinado de convivência com os pares da mesma idade; a restrição do movimento fora do espaço da sala de referência; e a definição de condutas sociais e culturais que não privilegiam situações relacionais de crianças no convívio na creche (Martins Filho, 2016, p. 21).

Diante de práticas docentes que fragilizam os bebês, desacreditando em suas potencialidades, destinando-lhes a menores espaços e tempos restritos e fechados, muitas vezes tendo somente as salas de referência para suas vivências e experiências, com rotinas que impossibilitam seus ritmos próprios e que não consideram seus interesses, necessidades, vontades e desejos.

Desse modo, estamos construindo uma perspectiva de pensar o fazer-fazendo da docência com bebês por vieses pedagógicos que “compreenda o cotidiano para além da obviedade, da arbitrariedade e da obscuridade que o esvazia de sua complexidade, quando o necessário seria viabilizar a afirmação da sua singularidade no entretecer de sua diversidade pedagógica” (Martins Filho, 2013, p. 46). Essa dimensão de considerar as especificidades da docência no contexto da Educação Infantil reverbera, além de uma posição epistemológica e metodológica, uma posição política e pedagógica, naquilo que visa às máximas possibilidades das crianças de vivenciar seus direitos, em um espaço de educação democrático e, por isso, de qualidade (Moss, 2009). É requisito para a participação efetiva das crianças, no que concerne à “importância contemporânea das práticas democráticas para instituições de educação infantil que tenham suas vozes escutadas com afeto e efetividade e seus dizeres traduzidos em práticas que correspondam aos seus interesses” (Moss, 2009, p. 420).

Nas últimas décadas, no cenário nacional brasileiro, diferentes pesquisadores têm se debruçado a discutir a educação de bebês em contextos de vida coletiva, em especial voltada à educação das crianças de 0 a 3 anos em ambientes denominados de creches, isto por diferentes

perspectivas teóricas (Barbosa, 2006; 2010; Coll & Castelli, 2017; Schmitt, 2005; Gobatto, 2011; Martins Filho, 2013; 2016; 2020, 2024). Mais recentemente a discussão acerca da educação de bebês vem sendo problematizada como possibilidade de superar a perspectiva assistencialista e, sobretudo, buscar a garantia da qualidade no interior das instituições de Educação Infantil. Isso abre oportunidade para reflexões a partir das experiências pedagógicas realizadas nos contextos educativos, refletindo sobre as propostas de cuidado e educação nesses espaços e tempos de vida coletiva, particularmente no sentido de priorizar a potência de ação e a agência dos bebês. Ao mesmo tempo, torna-se também necessário circunscrever as condições objetivas de cada realidade educativa, buscando perceber de forma ampla as lacunas e as possibilidades de cada contexto e de cada profissional que nele se encontra.

Diante de algumas inquietações, foi possível perceber as sementes de nossa investigação, mesmo que muitas delas, ainda, se encontravam em processo de germinação. Os primeiros brotos germinam e deixam nascer a problemática da pesquisa: De que forma os bebês se encontram com os diferentes espaços e tempos de vida coletiva em um Núcleo de Educação Infantil de Florianópolis? Dessa forma, pretende-se propor reflexões, discussões pertinentes à temática e destacar perspectivas que viabilizem o enriquecimento das práticas dos docentes em seu fazer-fazendo.

Os aportes teóricos de Arendt (2016), a qual discute a relevância do mundo público e da criança enquanto recém-chegada nele; Barbosa (2010), que contribui e nos ajuda a sustentar a potência dos bebês nas relações sociais; Martins Filho (2023), que corrobora a pensar no movimento da vida cotidiana e as rotinas na constituição do fazer-fazendo da docência em suas minúcias e além da folha A4; Sarmiento (2005) em uma análise sociológica da infância, o qual confere e a reconhece como categoria social do tipo geracional, e os bebês como atores sociais, com agência e sujeitos de direitos; Gobatto (2011), que apoia seu estudo de bebês nos contextos coletivos, enfatizando a importância de reconhecer os bebês como sujeitos ativos, capazes de interagir e explorar os diversos espaços e tempos da instituição educativa; e, também, as teorizações de Tiriba (2018), que nos aponta o contexto da vida moderna e desenvolve o conceito de “desemparedamento”, ou seja, viver em espaços e tempos ao ar livre. Nesse sentido, os autores supramencionados nos ajudam a pensar a respeito de um alargamento dos espaços e tempos para e com os bebês, de modo que eles possam se relacionar com o mundo para além de sua sala de referência visto que, os bebês são seres sociais e protagonistas de suas histórias.

Nesse tear, a síntese dos referenciais teóricos compõe um tecido apresentando contribuições profícuas para afirmar a concepção de bebês como seres sociais, os quais necessitam alargar suas vivências para além da sala de referência, eles aprendem com o mundo e participando das ações cotidianas, inserindo-se nos múltiplos espaços de vida coletiva dentro de um contexto cultural.

Nesse sentido, pensando e refletindo sobre os processos em que estive como professora de bebês, um percurso profissional que nos fez chegar a um neologismo para a pesquisa com bebês, produzindo uma analogia com o surgimento do broto, alcançando a profundidade do que ele simboliza: crescimento, renovação, semente e novos começos. O broto é resiliente e se adapta às circunstâncias com a finalidade de buscar novas formas de florescer. Assim, em busca de outros modos de observar os bebês nos espaços e tempos coletivos, essa pesquisa vai brotando em um terreno fértil que se expande à medida que as individualidades são reconhecidas e respeitadas. Este estudo vem florescer para alguns entendimentos de que os espaços e as interações com crianças de diferentes idades podem ser potenciadores nos processos de aprender, desenvolver e socializar dos bebês entre eles e com os adultos.

Cabe salientar, ainda, que esta pesquisa faz um convite para os docentes discutirem as potencialidades dos bebês e repensarem os espaços e tempos que eles ocupam nas Instituições de Educação Infantil, florescendo assim, práticas educacionais e pedagógicas peculiares que contribuem para destacar o reconhecimento a valorização da profissão: professor e professora de bebês.

Metodologia

Diante da complexibilidade que é “fio da vida”, ao qual não é possível medir devido sua subjetividade, delineamos esta pesquisa nos pressupostos da natureza qualitativa pautado em Bogdan e Biklen (1994) e Triviños (1987). Esse tipo de abordagem é utilizado por pesquisadores que estão interessados em entender quais sentidos as pessoas constroem as suas vidas. Partindo de uma análise subjetiva da realidade, há uma grande preocupação com os contextos, os quais fazem parte da investigação, visto que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas em seu ambiente habitual/natural de ocorrência. Sendo assim, os bebês precisam ser entendidos no contexto de suas histórias e de seus pertencimentos. Segundo Bogdan e Biklen (1994), um pesquisador qualitativo não se divorcia do ato da palavra ou gesto do seu contexto. Esse divorcio ocasionaria a perda do significado. Todos os fenômenos são importantes: as ações, os gestos, as falas, os silêncios. A abordagem qualitativa nos ajuda a compreender o significado das ações subjetivas, que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano das instituições educativas.

A pesquisa em questão busca um olhar para os bebês nos contextos coletivos, de modo a conhecer quais espaços são habitados por eles em uma instituição educativa. Pautados em um olhar de pesquisador qualitativo, nosso interesse é observar o modo como um grupo de bebês vivenciam experiências relacionadas em um mesmo contexto de educação coletiva. Que encontros ocorrem entre seus pares e com os adultos. Quais espaços habitam? Estes espaços são modificados para recebê-los ou os bebês modificam esses espaços?

Contudo, a pesquisa qualitativa tem suas raízes na inspiração etnográfica, ou seja, com um olhar para a cultura, para o contexto a qual os sujeitos estão inseridos. Triviños (1987), em seus estudos pontua que a etnografia tem como objetivo estudar a cultura, descrevendo-a para aprender seus significados, seus propósitos ocultos presentes nos comportamentos dos sujeitos. Ele ainda corrobora, dizendo que existem duas realidades culturais, a que se deseja conhecer e a que é própria do pesquisador. Nessa combinação surge o real nível de conhecimento que buscamos alcançar.

Destacamos que quando nos referimos a “inspiração etnográfica”, significa o uso de alguns dos conceitos e práticas da etnografia, sem necessariamente seguir todos os passos formais da pesquisa etnográfica completa. Sendo assim, a nossa intenção é utilizar as lentes etnográficas que tem como objetivo capturar e compreender os modos de como os bebês vivem e se relacionarem com o mundo. De acordo com Triviños (1987), o sujeito e o pesquisador compartilham de seus contextos culturais no campo, ao qual a pesquisa é realizada. A participação do pesquisador é ativa, ele participa e interage com os sujeitos, a fim de compreender melhor os significados de suas culturas. Portanto, nosso estudo foca na observação dos bebês em seus ambientes cotidianos, considerando suas ações e interações a partir das interpretações subjetivas de suas culturas e formas de se conectar com o mundo.

Como estratégia de procedimento, utilizaremos o estudo de caso pautado no referencial teórico de Bogdan e Biklen (1994), que tem como objetivo explorar o fenômeno em questão de forma abrangente, considerando suas particularidades dentro do seu ambiente natural. Em campo, serão utilizados como instrumentos de coleta de dados, a observação densa, o diário de campo e fotografias sequenciais. Sendo assim, a análise dos dados se apresenta como quantitativa interpretativa considerando que são as primeiras aproximações com o campo, visto que a pesquisa está em andamento.

Referencial Teórico: Aproximações e Reflexões

Representatividade dos Bebês no Contexto Histórico do Brasil

Ao percorrermos a História podemos perceber diferentes concepções hegemônicas de bebês, as quais na contemporaneidade reverberam em práticas pedagógicas dentro das instituições de Educação Infantil. Fazendo um recorte da História com as lentes voltadas para o Brasil, nos séculos XVII e XVIII, os bebês que nasciam nas classes socialmente favorecidas, eram entregues

às amas de leite, mulheres negras, escravizadas e recém-mães (Schmitt, 2008), permaneciam com elas até os seis anos de idade. Porém, os bebês das amas de leite eram entregues nas “Rodas de Expostos”, juntamente com os bebês de mães solteiras, órfãos ou resultantes de adultério. Neste contexto social eram péssimas as condições de saneamento básico o que levava à mortalidade das crianças. Desta forma, as poucas crianças que sobreviviam eram largadas nas ruas ou iam trabalhar em serviços domésticos aos sete anos de idade (Castelli; Delgado, 2017).

A partir do século XIX a mortalidade infantil despertou um novo olhar para os bebês e, dessa forma, as amas de leite foram extintas, essas foram culpabilizadas de transmitirem doenças, falta de higiene e valores morais impróprios. Surge aí um novo olhar para os bebês que chegavam nas famílias, as quais se fechavam em uma educação privada, longe dos serviços que se tornaram indesejados. A visão dos especialistas emergiu com força total. Deste modo, a Medicina e a Psicologia alicerçaram com estudos de guias maternos e higienistas, bem como, estudos de estágios do desenvolvimento dos bebês. Tais suportes eram fornecidos às mães, as quais ganharam uma nova função: a de educar seus filhos desde o nascimento. Dentro desse novo contexto social que se instalava, os bebês eram organismos frágeis que deveriam ser guardados em ambientes longe de micróbios e alimentados para se desenvolverem. Vale lembrar que os cuidados eram padronizados, visto que os bebês eram homogêneos, sem sentimentos, não aptos a interagir e muito menos produzir cultura. Nesse sentido, temos problematizado os discursos da falta ou da carência de algo, que precisam ser superados na educação dos bebês e das crianças bem pequenas.

Não podemos esquecer que temos uma tradição política, pedagógica e cultural adultocêntrica de pensar e organizar as instituições educativas, sem ouvir os bebês e valorizar sua participação como atores sociais importantes, autores da história, produtores de culturas e cidadãos de direitos. (Martins Filho; Delgado, 2013, p.10)

Com a forte industrialização de meados do século XIX, houve o aumento populacional urbano e, conseqüentemente, o aumento da pobreza. Desta forma, as mulheres de classes menos favorecidas foram inseridas no mercado de trabalho, atuando fora de casa, nas grandes indústrias, com jornadas de trabalho extensas. Com isso, seus filhos necessitavam de um espaço para serem cuidados, surgindo as creches, espaço que cuidavam das crianças na modalidade assistencialista, controle e vigia social. Sendo assim, não se pensava em direitos dos bebês em uma educação coletiva.

Segundo Castelli e Delgado (2017), os bebês estiveram às margens da sociedade por longos anos de História. Seus direitos foram assegurados somente depois da Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959), e seguidamente a Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). Tais acontecimentos provocaram desdobramentos na legislação brasileira, pelo ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996, elevando a Educação Infantil (com atendimento às crianças de 0 a 6 anos) como primeira etapa da Educação Básica. Este marco foi reconhecido no ato de cuidar e educar da criança pequena em parceria com a família.

Diante desses apontamentos históricos, podemos identificar as distintas posições que os bebês assumiram nos contextos sociais do nosso país. Desta forma, compreendemos muitas das práticas educativas ainda enraizadas na proteção, fragilidade, confinamento, homogeneização, higienização, controle e vigia no cuidado com os bebês.

Bebês da Modernidade

Nesse fluir da História, diferentes concepções de infância foram construídas, pautadas por influências sociais, políticas e econômicas. Desta forma, os bebês e crianças deixaram de vir a ser para assumirem o papel de sujeitos de direitos. É nesse viés da modernidade que pautamos os estudos dos bebês mergulhados na Sociologia da Infância, a qual confere a infância como categoria social do tipo geracional, reconhecendo as crianças como atores sociais e sujeitos de direito (Sarmiento, 2005; Martins Filho; Delgado, 2016).

Segundo Malaguzzi (1999), diante das inúmeras imagens de crianças postas no decorrer da História, uma delas é a criança incompleta, que está sempre a falta de algo. Todavia, o autor aposta em uma visão de criança com potencialidades, desafiadora e curiosa em si mesma e que

não precisa vir a ser.

Nesta perspectiva, os bebês são sujeitos sociais produtores de culturas infantis. As crianças interagem e se transformam a partir do contato com as coisas do mundo. Elas se apropriam da cultura historicamente já produzida e as significa atribuindo sentido próprio, construindo assim, sua condição humana como um ser social, produzindo cultura ao mesmo tempo que é produzida por ela. Martins Filho (2023) sublinha que viver a vida cotidiana dentro das instituições de Educação Infantil é uma oportunidade em recruzar culturas e experiências com crianças de diferentes idades e com os adultos. Deste modo, viver experiências coletivas é estar de corpo inteiro no mundo, vivendo as ações inesperadas no e do cotidiano.

De acordo com Mello (2013, p.14) “a criança aprende e se desenvolve quando é sujeito, quando pensa, decide, planeja, resolve, toma iniciativa”. Desta forma, o encontro dos bebês com a vida coletiva dentro das instituições de Educação Infantil lhe coloca em uma posição de sujeito ativo nas relações cotidianas, permitindo um alargamento de experiências e um viver no mundo, para além de uma sala de referência.

Tempo e Espaço na Educação Infantil: A Docência com Bebês

Durante alguns anos atuando como professora de bebês, em uma caminhada onde procurei problematizar alguns desafios e urgências, na qual buscava romper com a identidade histórica dos bebês que remete a lógica da fragilidade, cuidado, guarda, higienismo e de homogeneização, sobretudo, com fatores ligados às rotinas instituídas e fechadas, ao espaço físico e o número reduzido de docentes. Apresento sumariamente alguns dos agravantes que consolidam e reforçam práticas docentes em espaços e tempos restritos de interações, como salas de referência e solários.

Das inúmeras inquietações, iremos trazer abaixo uma narrativa do cotidiano, em registro de diário de campo da pesquisadora: com algumas análises preliminares de nossa pesquisa em desenvolvimento.

Contextualizando a cena do excerto abaixo, descrevemos a interação dos bebês com crianças maiores. Uma caixa de papelão que foi deixada no corredor próximo à sala dos bebês e que atraiu a atenção dos mesmos. Três crianças do grupo V brincavam de se esconder na caixa, o que fez com que os bebês se aproximassem da porta da sala de referência. A professora, percebendo o interesse dos bebês, remove a divisória que bloqueia a saída deles e permite a interação. Vejamos o registro na íntegra:

As crianças maiores, notando a presença dos bebês, se escondem dentro da caixa e fazem rápidas aparições, em um movimento de esconde-esconde, provocando gargalhadas e gritinhos nos bebês. Ana, uma bebê, se aproxima da caixa e bate suas mãozinhas, buscando chamar os amigos escondidos. A brincadeira durou alguns minutos, até que as crianças saem da caixa e esta se transforma em um túnel ao ser deitada no chão. Ana foi a primeira a passar pelo interior da caixa, demonstrando o caminho para os amigos, em um movimento de entrar e sair do túnel. Bebês e crianças engatinham de um lado para o outro. Isis, outra bebê, preferiu ficar sentada dentro da caixa, desfrutando da sensação de estar escondida (Diário de Campo da Pesquisadora, 2024).

Nesse registro podemos observar que a brincadeira se transformou a partir das relações estabelecidas entre as diferentes idades. A retirada da cerca, divisória que distanciava os bebês das crianças maiores contribuiu para o encontro e as interações, bem como para aguçar o protagonismo infantil, mesmo quando se ainda é bebê, oportunizou e ampliou as possibilidades de vivências dos bebês para além da sala de referência. Uma relação de cumplicidade e cuidado pode ser observada quando as crianças maiores engatinham ao lado dos bebês. Portanto, viver experiências coletivas é estar de corpo inteiro no mundo, vivendo as ações inesperadas no percurso da vida cotidiana em um coletivo.

Um olhar sensível do professor foi fundamental para que as interações dos bebês com

as crianças maiores pudessem acontecer. A cerca de “proteção”, como é denominada pelos profissionais, sempre se encontrava na porta não permitindo a saída dos bebês, mas com a observação atenta e atenciosa da professora deixou de ser um objeto limitador, a sua retirada possibilitou a expansão das experiências dos bebês em novos espaços com crianças de diferentes idades.

Desta forma, podemos constatar inúmeros obstáculos diários que limitam os bebês a viverem experiências em espaços coletivos. Destinando-lhes um mundo restrito onde acabam permanecendo durante todo o dia, envoltos por uma rotina de alimentação, sono, higiene e brincadeiras guiadas, muitas vezes, por adultos. O aprendizado do Bebê se restringe a uma padronização de suas ações. Bakhtin (2011), em seus estudos se refere às práticas docentes padronizadas como um saber encaixotado e gerador de resultado único. Que consiste em o adulto ensinar e o bebê corresponder a sua resposta. Consequentemente, algumas práticas docentes contribuem para a homogeneização das ações dos bebês, em uma constante reprodução de padrões que não o levará a algo novo e, sim, a algo já conhecido por outros. Reforçando um aprendizado onde a individualidade e a criatividade são apagadas e castradas.

Barboza (2022), nos convida a pensar em outra forma de aprendizado para os bebês o qual chama de Heterociência, este que consiste na aquisição de conhecimento por experiências vividas, fruto de um conhecimento vivo e dialógico, tendo o outro presente em um processo de alteridade para se inserir no mundo.

A heterociência como uma ciência que se coloca na escuta do sujeito em seu modo de agir no mundo não se relaciona com um objeto de pesquisa mudo, pelo contrário, considera os sujeitos como seres expressivos e falantes e, portanto, participantes da pesquisa. Os bebês são seres expressivos e enunciativos. Eles falam com o corpo todo, direcionam o seu olhar para aquilo que estão interessados e se recusam a fazer, o que para eles, não tem sentido algum. Como sujeitos livres, são imprevisíveis, podem responder encaixando a argola no cilindro, ou nas mãos, nos pés e em outras infinitas possibilidades (Barboza, 2022, p. 66).

Barboza (2022), ainda corrobora dizendo que existem perspectivas, experiências e valores diferentes dos nossos. A relação de alteridade é inevitável, pois estamos constantemente interagindo com outros seres humanos. O “outro” nos encontra e nos afeta, de forma involuntária. Essa relação não é controlada pelo indivíduo, pois o outro surge e o transforma, deslocando-o independentemente de sua vontade. Nesse encontro, ambos os sujeitos se constituem mutuamente.

Desta forma, a autora nos provoca a pensar em práticas docentes, que não ditam regras aos bebês, para que eles possam responder suas ações de forma autêntica, distante dos padrões adultocêntricos. Padrões estes que são considerados socialmente como características de bebês espertos e inteligentes.

Atuar como professora de bebês trouxe a oportunidade de testemunhar as infinitas inventividades dos bebês no cotidiano. Os bebês nos surpreendem a todo tempo com novas formas de enxergar as menores sutilezas cotidianas, nos provocam a resgatar a sensibilidade dos nossos olhares que se perdeu na vida adulta. Quase como regra geral nossos planejamentos em uma linha adultocêntrica são alterados pelas ações inesperadas dos bebês, eles por vezes alteram e transformam com facilidade nossas pretensões de ações. Ações que precisam pensar as materialidades, os espaços e tempos e as relações com o outro e consigo mesmo.

Em uma lógica inventiva os bebês sublinham a sua individualidade e subjetividade, em um mundo compartilhado e que precisa ser comum. Larrosa (2024), complementa que a escola da infância deve apresentar o mundo e sua beleza. Martins Filho (2016) assevera sobre a importância dos bebês conseguirem prestar atenção nas mais pequenas coisas do cotidiano. Assim, que possamos pensar e realizar uma escola aberta para os bebês terem tempo para amar o mundo que lhe é apresentado.

Os bebês não seguem padrões rígidos, pois as amarras sociais ainda não os enrijeceram. Podemos eleger como uma característica marcante dos bebês a sua lógica inventiva ao se relacionar com o mundo. Eles criam suas formas de se relacionar e de interagir com o outro e com os espaços e tempos que o cercam. Cada um tem seu próprio ritmo, suas próprias preferências e suas próprias formas de se expressar. Larrosa (2024), nos faz refletir que as instituições de Educação Infantil devem ser um espaço para explorar e se maravilhar com as coisas do cotidiano, um espaço para iniciar a

curiosidade, para cultivar a beleza do mundo que lhe é apresentado. Um espaço de encantamento e de conexão com o mundo de forma profunda e significativa. Para Arendt (2016), cada bebê que nasce é como um “novo começo”, uma oportunidade de renovação e de ruptura com o passado. A autora sublinha em seus estudos que a essência da vida é a natalidade, que cada bebê que nasce deve ser visto como uma possibilidade de salvar o mundo da ruína.

Essa visão otimista da natalidade coloca em xeque as práticas docentes de padronização dos bebês, representa uma esperança de renovação e de superação do ser humano. E o convite para uma nova humanização em busca de um futuro de esperança e renovação.

Para Larrosa (2024), educar uma criança não tem a ver com o desenvolvimento e a capacidade de talentos, não tem a ver com valores impostos pela sociedade e sim educar uma criança é abrir o mundo e transformá-lo. Um mundo que a criança tenha voz e que ela possa dialogar e que as coisas sejam importantes em si e por si.

Os bebês são sujeitos recém-chegados ao mundo (Arendt, 2016), os quais não internalizaram as normas e expectativas sociais, não se deixam influenciar pelo comportamento dos adultos. São livres e imprevisíveis, agem de acordo com seus próprios impulsos e interesses, expressando sua individualidade de forma autêntica. Suas reações e expressões são variadas e espontâneas, as respostas não são moldadas por expectativas sociais, e sim, por suas experiências vivas que ecoam suas singularidades.

Os bebês fazem uso dos objetos conforme o que eles sentem e interpretam. Eles criam inúmeras formas de estar no mundo, transbordam a capacidade de compreensão e enriquecem a ação. Enxergam com profundidade os detalhes, conseguem ver o desconhecido nas entrelinhas da vida cotidiana. No entanto, a rotina que padroniza as ações docentes acaba, tirando a capacidade das crianças bem pequenas de olhar o mundo, fruto de uma rotina institucional não reflexiva, que os homogeneiza e lhes rouba o direito de sujeito no tempo presente. Barboza (2022, p. 61) corrobora que: “vejo esses bebês e todos os outros como alguém em quem o “hábito ainda não fez sua obra”. Contemplam a casa de fora, ou seja, a cultura, a lógica do adulto ainda de fora.” Deste modo, o mundo dos bebês não possui amarras com a cultura, estes são livres e conseguem dar voos de inovação com infinitas possibilidades de criar e experimentar.

Os bebês são sujeitos no aqui e agora, não precisam esperar tempo para crescer e interagir com crianças de diferentes idades. Estes precisam de tempo compartilhado em espaços institucionais para que possam conhecer a beleza do mundo, convivendo com diferentes culturas e gerações, ampliando as possibilidades de ser. Eles são desde o nascimento um ser social ativo, capaz de interagir, manipular, modificar e transformar o seu entorno, a partir do contexto que está inserido. É desta concepção que construímos nosso estudo, de um bebê que é capaz de se posicionar com a sua presença no mundo. (Barboza, 2022, p. 61).

Abreu (2025), contribui com reflexões para uma docência sensível nesta primeira etapa da Educação Básica, uma busca na miragem de um olhar sensível e amoroso, pode ser o primeiro passo para contribuir com o aprendizado de bebês protagonistas de suas histórias, visto que um olhar sensível chave para que possamos perceber as múltiplas formas dos bebês interagirem com o mundo. Em uma relação dialógica em que não projetamos a resposta do outro e sim, esperamos respostas que são frutos dos diferentes sentidos dos sujeitos. Respostas singulares de um mundo democrático, participativo e de colaboração mútua.

É necessário trilharmos novos caminhos para o olhar docente, um olhar que não se enrijeça na rotina. Barbosa (2009) e Martins Filho (2020), questionam a rotina rígida e em seus estudos propõem uma rotina flexível e intencional, atenta às necessidades das crianças/bebês de modo que possam explorar os espaços e construir relações a partir de seus interesses.

É urgente a busca de um olhar que se comprometa com o desenvolvimento, aprendizagem e socialização dos bebês, que garanta seu protagonismo, bem como, suas múltiplas formas de interagir com o mundo. Que os momentos cotidianos com os bebês possam ser uma oportunidade de renovação do olhar docente, e, assim, romper com as certezas e experimentar o mundo sobre uma nova ótica. Em busca de caminhos novos e não lineares, que possam gerar brotos para uma nova humanização.

Considerações Finais

Os espaços de vida coletiva das instituições de Educação Infantil são um campo fértil de aprendizado para as crianças e os bebês. O presente artigo teve como objetivo sublinhar o protagonismo dos bebês nos ambientes coletivos de educação, de modo que, os múltiplos encontros possam construir um amplo repertório de práticas cotidianas que se renovam ao longo de novos encontros.

Desta forma, viver experiências coletivas é estar de corpo inteiro no mundo, vivendo as ações inesperadas no percurso da vida cotidiana, um cotidiano que envolve e se entrelaça ao coletivo.

A nossa pesquisa, indica até o momento, que os contextos de vida coletiva são essenciais para as interações de bebês entre pares, dos bebês com as crianças maiores e dos bebês com os adultos. Mas, para tanto, ainda precisamos desenvolver uma visão de docência na creche que ultrapasse a sala de referência e permita os bebês descobrirem e explorarem os espaços coletivos.

Referências

ABREU, Jéssica Helena Santos de. Memórias brincantes: a trajetória de uma professora de educação infantil em busca de uma docência sensível para a infância. In: LOMBA, Maria Lúcia de Resende; NEVES, Libéria (org.). **NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS**: escrita e autoria na formação profissional. São Carlos: Pedro & João, 2025. p. 1-463.

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche**: que lugar é este?. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**- Hannah Arendt. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. **Anais do I Seminário Nacional**: Currículo em Movimento, Belo Horizonte, p. 1-17, nov. 2010.

BARBOZA, Georgete de Moura. O jogo de argolas: a heterociência na pesquisa com bebês. In: MOTTA, Flávia Miller Naethe; SOUZA, Ana Lucia Gomes de (org.). **Tem heterociência na Baixada**: produções bakhtinianas em territórios fluminenses. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 1-220.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. Entre amas de leite, especialistas, mães e creches: concepções sobre bebês no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 375, 31 dez. 2017. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.26831>.

GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011. 223 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LARROSA, Jorge. **A Escola e o Vir ao Mundo**. Vincular Cursos, 2024. Disponível em: <https://vincularcursos.myedools.com/categories/cursos-eventos-e-formacoes-online>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

MALAGUZZI, L. Histórias ideais e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARTINS FILHO, Altino José, PRADO, Patrícia Dias. **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**. São Paulo: Autores Associados, 2010, p. 2010.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In.: **Das pesquisas com crianças à complexidade da Infância** / Altino José Martins Filho & Patrícia Prado [Orgs.]. - Campinas, SP: Autores Associados, 2011, 260p.

MARTINS FILHO, Altino José (org.). **Educar na creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 142.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**: além da A4. Tubarão, SC: COPIART, 2ª Edição, 2020.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança Pede Respeito**: docência na educação infantil além da A4. Tubarão: COPIART, 5ª Edição. 2024, 210p.

MARTINS FILHO, Altino José Martins. DELGADO, Ana Cristina Coll (org.). Dossiê “Bebês e Crianças Bem Pequenas em Contextos Coletivos de Educação”. **Pro-posições**, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013.

MELLO, S.A. **A criança como sujeito da educação** desenvolvente: 10 desafios às práticas docentes de 0 a 6 anos. 2013. Disponível em: <https://suelyegreice.wordpress.com/2013/09/06/a-crianca-como-sujeito-da-educacao-desenvolvente-10-desafios-as-praticas-docentes-de-0-a-6-anos/>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

MOSS, Peter. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. **Psicologia**, USP, 20(3), 417-436. (2009, julho/setembro). Retirado em 28 de agosto de 2015, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305123733007>.

PORTO, Rosane de Albuquerque. **Roda dos expostos**: Deslocamentos do livro ao jornal. 2011. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Literatura., Ufsc, Florianópolis, 2011

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a Partir da Sociologia da Infância. **Educ. Soc**, [s. l.], v. 26, p. 361–378, 2005.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **Mas eu não falo a língua deles!** as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TIRIBA, Lea. **Desemparedamento da Infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018. 59 p.

Recebido em 10 de abril de 2025
Aceito em 13 de maio de 2025